



**Centro Universitário de Brasília - UniCEUB**  
**Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas**

**LETÍCIA PERDIGÃO FRAGOSO AGUIAR**

**MEMORIAL DA REPORTAGEM: UMA MATERNIDADE COLETIVA**

**Brasília**  
**2022**

**LETÍCIA PERDIGÃO FRAGOSO AGUIAR**

**MEMORIAL DA REPORTAGEM:  
UMA MATERNIDADE COLETIVA**

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito para a obtenção ao grau de Bacharel em Jornalismo, pelo Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Orientador: Professor Dr. Luiz Cláudio Ferreira

**BRASÍLIA  
2022**

**LETÍCIA PERDIGÃO FRAGOSO AGUIAR**

**MEMORIAL DA REPORTAGEM:  
UMA MATERNIDADE COLETIVA**

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito para a obtenção ao grau de Bacharel em Jornalismo, pelo Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Orientador: Professor Dr. Luiz Cláudio Ferreira

**BRASÍLIA, DEZEMBRO DE 2022**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Professor Dr. Luiz Cláudio Ferreira**  
Orientador

---

**Professora Dra. Sandra Araújo de Lima da Silva**

---

**Jornalista Raquel Martins Ribeiro**

## DEDICATÓRIA

Agradeço à minha família, que foi meu suporte durante todos esses anos. Em especial, à minha mãe, Lylian Perdigão, que é minha melhor amiga e se desdobrou desde sempre para me dar a melhor educação e me formar a mulher que sou hoje. Às minhas tias, Leide Perdigão, Liris Perdigão e Lígia Perdigão, que além do apoio financeiro, não saíram do meu lado em todas as etapas até aqui. Ao meu filho, Miguel, que chegou durante a minha graduação e me deu ainda mais força para que este momento se tornasse um dos meus maiores objetivos de vida.

Gostaria de agradecer ao meu professor e orientador, Luiz Cláudio, com quem aprendi a importância do jornalismo sério e de qualidade desde o primeiro semestre, e que além de mestre, virou um amigo para vida.

Agradeço também às minhas amigas de turma Milena Carvalho e Beatriz Souza, com quem vivi fortes experiências nos últimos quatro anos. As apresentações de trabalhos, as conversas, a torcida, as lágrimas, e principalmente o carinho, fizeram mais leve esta jornada.

Por fim, agradeço às mães dos grupos Mamães de Brasília e Vida de Mãe, que compartilharam suas alegrias, anseios e histórias para que eu pudesse mostrar a importância da rede de apoio na maternidade.

## RESUMO

Este memorial se refere à grande reportagem “Uma maternidade coletiva”, produzida com o intuito de contar sobre as dificuldades que recém-mães enfrentam, e como a rede de apoio virtual, formada neste caso, por grupos de mães no WhatsApp, ajuda a amenizar os anseios, dúvidas e dificuldades encontradas por mulheres neste novo período da vida, desde a gestação até a criação de seus filhos. A reportagem mostra como a convivência e interação com mulheres que estão passando pela mesma situação pode ser benéfica para mães que muitas vezes não possuem estrutura financeira, emocional ou física para enfrentarem a desafiadora jornada da maternidade sozinhas.

Disponível em: <https://owrdesign.com.br/leticia-perdigao>

**Palavras-chave:** Maternidade. Grande reportagem. Rede de Apoio. Redes Sociais. Mães. Mãe Solo.

## ABSTRACT

This memoir refers to the great report “A collective motherhood”, produced with the aim of telling about the difficulties that new mothers face, and how the virtual support network, formed in this case by groups of mothers on WhatsApp, helps to alleviate the anxieties, doubts and difficulties encountered by women in this new period of life, from pregnancy to raising their children. The report shows how coexistence and interaction with women who are going through the same situation can be beneficial for mothers who often do not have the financial, emotional or physical structure to face the challenging journey of motherhood alone.

Available at: <https://owrdesign.com.br/leticia-perdigao>

**Keywords:** Maternity. Great reporting. Support Network. Social networks. Mothers. Solo Mother.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>1. A GRANDE REPORTAGEM</b>	<b>11</b>
<b>2. WEBJORNALISMO</b>	<b>12</b>
<b>3. ABORDAGEM DAS QUESTÕES DE GÊNERO E MATERNIDADE</b>	<b>14</b>
<b>4. DIÁRIO DE BORDO</b>	<b>16</b>
4.1 Pré-produção	16
4.2 Produção	16
4.3 Pós-produção	17
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>18</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>19</b>

## INTRODUÇÃO

Com o intuito de reforçar a importância da rede de apoio para recém-mães, a reportagem “Uma Maternidade Coletiva” mostra como foi fundado um grupo de WhatsApp com mães do Distrito Federal, visando a troca de informações, dicas e conselhos entre mulheres que enfrentam situações parecidas, desde a gestação. Além de relatar histórias emocionantes de mães e suas relações com a rede de apoio virtual, que para muitas, é a principal fonte de zelo, compaixão, compreensão e conhecimento usado durante a gestação e criação de seus filhos.

“Uma Maternidade Coletiva” ajuda pessoas a desconstruírem a romantização da maternidade, que sempre é exaltada e difundida pela sociedade, mostrando a realidade do maternar através de relatos reais e transparentes. Grávidas e recém-mães também podem conhecer a rede de apoio virtual através da reportagem, o que faz com que essa prática se expanda e que a relação benéfica entre mães cresça cada vez mais.

Entende-se que rede de apoio é um grupo formado por todas as pessoas que as mães contam quando se trata de ajuda nos cuidados ao bebê. Na troca de experiências, essa ajuda vai muito além, principalmente com suporte emocional, que costuma ser uma grande barreira a ser superada para muitas mulheres. Embora pareça ser muito fácil construir uma rede de apoio, algumas mulheres acabam de forma solitária.

As pessoas que compõem as redes de apoio podem, em determinadas situações, assumir posições de apoio a algum tipo de problema ou necessidade na referida rede. Por esta razão, são reconhecidas como redes de apoio social, cujos vínculos interpessoais ocasionam sentimentos de amizade, confiança e solidariedade entre os membros dos grupos. (Vermelho SC, Velho APM, Bertoncetto V.).

A gravidez é um momento de inseguranças, dúvidas e medos, além de muitas cobranças por parte das pessoas que cercam essas mulheres, desde a família ao obstetra. Ter uma rede de apoio para ajudá-las não só com os cuidados ao bebê, mas também para que possam voltar a ter sua rotina profissional e pessoal da forma mais tranquila e natural possível, sem que a maternidade seja uma limitação ou um tabu, é de extrema relevância.

As redes sociais são teias de relações que podem ser estabelecidas entre pessoas com um interesse em comum, como no caso de recém-mães, que buscam respostas em grupos onde podem interagir e realizar trocas que podem ser



transformadas em laços sociais de forma natural e recíproca, como uma espécie de acolhimento quase que familiar.

Nesta direção, as redes sociais surgem como um conjunto de relações e intercâmbios entre indivíduos, grupos ou organizações que partilham de interesses comuns, e também podem ser definidas como estratégias utilizadas pela sociedade para que seja possível compartilhar informações e conhecimentos, por meio de relacionamentos (de estudo, trabalho, amizade, lazer etc.) entre os atores (pessoas, grupos, organizações, comunidades etc.) que as constituem. (Santos FC, Cypriano CP 2014).

Existem efeitos muito positivos de grupos em redes sociais que dão suporte na vida de recém mães, fazendo uma integração entre elas, construindo um espaço de apoio e trocas verdadeiras. A busca por esses grupos nem sempre está relacionada a dúvidas sobre amamentação e/ou medicações, mas também com o intuito de encontrar um jeito mais leve de conduzir a maternidade.

A realidade da maternidade é diferente do que costumamos ver nas revistas e catálogos, e o crescimento desse conteúdo na web trouxe à tona diversas dificuldades que todas as mães passam, apresentando ao mundo a maternidade midiática. Com isso, o número de seguidores e consumidores desse conteúdo aumenta cada dia mais, de forma orgânica.

Segundo Braga (2021), da mesma forma que é difícil falar em “mídia” com um sentido único, é também complexo pensar em uma “maternidade midiática”, na medida em que ambas são entidades plurais:

(...) resultado de um complexo processo discursivo de debate entre diferentes agentes. (...) Os ambientes interacionais e discursivos da internet podem ser pensados como um front de lutas por definições de realidade, que produz sentidos e disputam espaço de legitimidade. (...) nas últimas duas décadas, surgiu uma infinidade de páginas dedicadas à maternidade. (...) A atividade comunicacional online motivou muitas mulheres a criarem seus próprios perfis, páginas e canais nos sites de redes sociais, tematizando a experiência pessoal com a maternidade e assuntos relacionados (BRAGA, 2021, p. 22 e 25).

Dentro da realidade brasileira, existem ainda lacunas de estudos sobre temas relacionados à maternidade, e se tratando de esfera acadêmica, como fica evidente no Portal de Livros Abertos da Universidade de São Paulo (USP); onde pesquisas por palavras-chave “maternidade”, “materna(o)”, “mãe”, acabam sem resultados, é por onde começa o interesse em abordar este tema, pois há também poucos trabalhos acadêmicos escritos por jovens estudantes que vivem essa realidade (como é o caso

desta autora: mulher, recém-mãe, estudante, que precisou buscar ajuda em grupos virtuais formados por mães a fim de desmistificar inúmeras coisas na maternidade).

## 1. A GRANDE REPORTAGEM

Com o surgimento da tecnologia digital fica claro a importância das mídias digitais e sua relevância no cenário global das formas de comunicação. Onde o leitor tem acesso a informações de forma mais apurada, rica em detalhes e dá ao jornalista a possibilidade de interagir com quem acessa a informação em tempo real e de forma orgânica

A Grande Reportagem é utilizada no meio jornalístico para apresentar fatos de forma mais detalhada; seja por meio de uma matéria televisiva ou não, e tem a missão de levar ao telespectador uma narrativa clara e rica em informações, de forma mais assertiva e minuciosa. É o formato de notícia que tem cada vez mais ganhado credibilidade nos telejornais e em ambientes virtuais da imprensa brasileira. Para Jaspers (1998):

consiste na composição sob forma de um vídeo ou de um filme, de uma série de informações respeitantes a um acontecimento particular, da actualidade, ou a um fenómeno particular da sociedade, numa mensagem real de uma certa duração.(JESPERS, 1968, p.168)

Lima (2009) ainda complementa o pensamento de Jaspers ao dizer que a Grande Reportagem se configura por uma perspectiva multiangular, o que torna possível ter uma visão, como também compreensão, mais aprofundada da realidade à qual as pessoas vivem, pois, o enfoque dado em uma grande reportagem ultrapassa o espaço linear visto nas notícias corriqueiras do cotidiano jornalístico, e com isso, a abordagem de uma matéria mais detalhada ganha peculiaridades que instigam o jornalista a compor com mais elementos a reportagem, como, por exemplo, a contextualizar e considerar o antes, pontuar o agora e incitar reflexões sobre o depois.

Diante disso, fica evidente a importância da Grande Reportagem no cenário do jornalismo, pois através deste formato de apresentar os fatos, o jornalista narra e apresenta histórias com clareza do tema, fatos ricos e detalhes que complementam os fatos.

## 2. WEBJORNALISMO

Inicialmente, é necessária uma breve definição do que é considerado o webjornalismo. Segundo Canavilhas (2003), que o conceitua como o jornalismo realizado na World Wide Web – parte específica da internet, em que a troca de informações é realizada por interfaces gráficas.

O webjornalismo, por sua vez, refere-se a uma parte específica da internet, que disponibiliza interfaces gráficas de uma forma bastante amigável. A internet envolve recursos e processos que são mais amplos do que a web, embora esta seja, para o público leigo, sinônimo de internet (MIELNICZUK, 2003, p. 26).

Assim, mesmo que existam centenas de publicações online no mundo, até mesmo do-World Wide Web, foi o aprimoramento desse meio de levar informações que revolucionou a forma de fazer jornalismo para sempre.

O Webjornalismo é classificado como de primeira, segunda e terceira gerações, segundo Pavlik (2001, p. 43).

- O Webjornalismo de primeira geração (MIELNICZUCK, 2003, p. 32- 33) não estabelece uma narrativa jornalística específica, não obstante as possibilidades tecnológicas. Esse modelo é também definido como transpositivo (SILVA JÚNIOR, 2000, p. 63).
- A fase posterior, definida como Webjornalismo de segunda geração, deixa-se perceber em finais dos anos 90. Nesse período começam a surgir modalidades de um produto jornalístico elaborado com base nas possibilidades oferecidas pela rede. No entanto, é importante ressaltar que essa segunda modalidade ainda está atada ao modelo do jornal impresso, que lhe serve de referência, fazendo com que seja conhecida como fase da metáfora (MIELNICZUCK, 2003, p. 34).
- Atualmente, experimenta-se o Webjornalismo de terceira geração. Pavlik (2001, p. 43) diz que “o terceiro estágio está apenas começando a emergir”. Para o autor, esse estágio é marcado por uma produção jornalística especialmente desenvolvida para a Web, o que compreende a Internet como um novo ambiente, apontado como um novo meio de comunicação.

Para Mielniczuck, (2003, p. 36), nessa fase há o enriquecimento da narrativa jornalística, sobretudo pelo uso de recursos multimídia e de interatividade, o que pode atrair ainda mais o leitor.

### 3. ABORDAGEM DAS QUESTÕES DE GÊNERO E MATERNIDADE

Historicamente, as mulheres foram colocadas em espaços que as limitavam a cuidar dos filhos e realizar tarefas domésticas. Conforme a sociedade ia se reestruturando, foi possível acompanhar a conquista de direitos, espaço, e relevância a ponto de vermos temas sobre a saúde da mulher e maternidade em evidência, colocando sua imagem além da figura mais frágil como culturalmente acontece.

Mesmo entendendo que ainda existem questões de desigualdade em relação ao gênero, atualmente é possível, através de matérias e reportagens, ver a mulher em um outro contexto, com pautas feministas que potencializam causas, e revela ao mundo as muitas barreiras que ainda precisam ser quebradas e direitos que ainda precisam ser conquistados.

Representar as mulheres nos meios de comunicação, abordando temas relevantes e fazer com que tenha repercussão e gere um impacto social, com pautas, críticas, e informações para a construção de uma sociedade que garanta a elas oportunidades de estarem onde quiserem, faz parte da missão de um jornalismo sério e comprometido com a sociedade.

Compreender a dificuldade que as mulheres possuem para ter acesso a espaços que muitas vezes são ocupados por homens reforça que enquanto sociedade precisamos mudar cada dia mais. É preciso também naturalizar que a atividade doméstica (não remunerada) é de responsabilidade de todos os membros da casa, assim como a parentalidade, que culturalmente recai na maioria dos casos sobre a mulher, afastando-a da jornada profissional e social.

Gutman (2013) chama a atenção para a questão de identidade e autoestima que muitas vezes permeia a função materna, afirmando que além dos cuidados inerentes à criação dos filhos há também "a nossa necessidade de sermos reconhecidas, de nos sentirmos vivas ou valiosas à medida que somos indispensáveis para o outro" (Gutman, 2013, p. 117).

Falar das conquistas das mulheres é um marco para, pois dessa forma, reforça-se tudo aquilo que já foi conquistado e deixa claro quais são os próximos objetivos.

Segundo Rejane Jardim e Jordana Piepper (2010), a mulher nunca deixou de fazer história, porém, foi escolhido não registrar as suas falas e ações. Isso as excluía de todos os possíveis campos de atuação, pois a elas não era literalmente permitido participar ou mesmo escrever a história. Assim, não havia possibilidades para qualquer transformação ou discussão.

A matéria desenvolvida tem como abordagem principal a maternidade e as questões que envolvem a vida da mulher gestante, mas também tem o compromisso de dar continuidade ao trabalho de outras mulheres que levantam pautas relacionadas a fatos que estão presentes na história e no direito a cidadania das mulheres.

## **4. DIÁRIO DE BORDO**

### **4.1 Pré-produção**

A ideia do tema da reportagem surgiu após minha gravidez, quando fui inserida de surpresa em um mundo completamente diferente e novo: o mundo da maternidade. Sem grandes referências ou pessoas próximas passando pela mesma situação, conheci a rede de apoio virtual, onde encontrei mulheres que me auxiliariam em todas as áreas dessa desafiadora missão. Pensando em auxiliar mulheres que passaram pelo mesmo que eu, e mostrar para a sociedade a importância da rede de apoio para mães, mesmo que virtualmente, escolhi escrever sobre o assunto.

### **4.2 Produção**

Em agosto de 2022, iniciei o processo de interagir com a criadora e moderadoras de alguns grupos, em especial do grupo de gestantes “Mamães de Brasília” e dos grupos de recém-mães “Vida de Mãe”. Logo depois, comecei a procurar participantes do grupo e escutar suas histórias, a fim de saber como aquela rede de apoio, ainda não convencional, as ajudou e ainda ajuda na gestação e criação de seus filhos. Fui marcando as entrevistas e ouvindo cada uma da maneira que mais se sentiram confortáveis para falar.

A conversa com cada mãe durou cerca de 30 a 35 minutos. A produção dessa entrevista foi realizada via zoom, ligação e presencialmente, de uma forma mais descontraída, leve, e com uma narrativa mais informal, de forma que elas pudessem ficar à vontade, se sentissem confortáveis e pudessem agir de forma mais natural possível. Como se estivessem entre amigas, tomando um café.

Após fazer a escuta e perceber a fragilidade e força dessas mulheres, recorri a duas especialistas para entender com profissionais a importância da rede de apoio, e até mesmo, os cuidados que precisam ser tomados por essas mulheres ao compartilharem sobre sua vida em grupos como este. Procurei a Psicóloga especialista em parentalidade Luciana Rocha e a professora da Universidade de Brasília (UnB) Daphne Rattner, Presidente da Rede pela Humanização do Parto e

Nascimento (ReHuNa). As entrevistas com as especialistas foram feitas por ligação via Zoom.

Em outubro, foi iniciado o processo de decupagem das entrevistas e escrita do texto, que durou cerca de um mês. Com o texto da grande reportagem pronto e revisado pelo orientador, dei início a criação do site, juntando a parte escrita às imagens que fazem parte da composição do conteúdo, junto aos áudios colocados em trechos da matéria. As imagens foram cedidas pelas entrevistadas no ato da entrevista.

### **4.3 Pós-produção**

Com a ajuda do meu amigo, Wagner Ramos, comecei a criação da página web, já que ele já possui o domínio de um site, o que facilitou a execução. Começamos a estruturar a reportagem no site, ver qual seria o melhor modo de leitura, como as fotos ficariam dispostas, adicionando detalhes, e no dia 17 de novembro, terminamos a implementação.



## 5. Considerações finais

Este memorial teve o objetivo de revisar o processo de apuração e refletir sobre o desenvolvimento da grande reportagem “Uma Maternidade Coletiva”. O material busca promover a desconstrução da romantização da maternidade, mostrando a história de mães do Distrito Federal, e de como a rede de apoio virtual, neste caso os grupos de WhatsApp formados por mulheres que estavam vivendo a mesma experiência, as ajudou a tornar esse processo mais leve.

Levantar este tema mesmo sabendo que academicamente pouco se discute, e existem poucas referências a respeito, reforça que a missão do jornalista vai além de levar informação, mas também de alcançar, impactar e transformar as pessoas. Através do meu trabalho acadêmico, almejo que mães conheçam essa nova maneira de se comunicar entre si, podendo tornar sua maternidade mais leve.

Poder colocar em prática todo o conhecimento que adquiri durante a minha formação profissional e ainda exercer o meu papel de mãe e jornalista simultaneamente em uma reportagem, é um grande passo. Que o apoio às mães seja estendido além das redes sociais, e que a informação, o conhecimento e o jornalismo de qualidade faça parte dessa grande rede de apoio, dando voz à essas mulheres.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. (org.). **Medida Provisória nº 1116, de 2022**: (programa emprega + mulheres e jovens). (Programa Emprega + Mulheres e Jovens). 2022. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/152939>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Gutman, L. (2013) **Mulheres visíveis, mães invisíveis**. Rio de Janeiro: BestSeller.

JARDIM, Rejane Barreto; PIEPPER, Jordana Alves. Aproximações e divergências: história social, história cultural e a perspectiva gênero. **Métis: História & Cultura**, Caxias do Sul, v. 9, n. 18, p. 87-97, jul. 2010. Semestral. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1335/1053>. Acesso em: 15 out. 2022.

JESPERS, Jean-Jacques, **Jornalismo televisivo**, Coimbra: Minerva, 1998.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2004.

**MATERNIDADE SOLO: TEMA SERÁ DISCUTIDO EM LIVE NESTA SEXTA-FEIRA (13/5)**. Brasília, DF, 12 maio 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/2022/05/5007350-maternidade-solo-tema-sera-discutido-por-profissionais-neste-sabado-14-5.html>. Acesso em: 18 nov. 2020.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na WEB**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

PAVLIK, John. **Journalism and new media**. New Youk: Columbia University Press, 2001.

Portal de Livros Abertos da Universidade de São Paulo (USP): Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/>. Acesso em: 18 de maio de 2022.

SILVA JÚNIOR, José Afonso. **Jornalismo 1.2**: características e usos da hipermídia no jornalismo, com estudo de caso do Grupo Estado de São >>> Edson Fernando Dalmonte 76 Paulo. 2000. Dissertação ((Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador

Santos FC, Cypriano CP. **Redes sociais, redes de sociabilidade**. Rev. Bras. Ciênc. Soc. 2014; 29(85):63-78.

VERMELHOI, Sônia Cristina *et al.* Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. **Educ. e Pesqui**, São Paulo, v. 4, n. 41, p. 863-881, out. 2015. Trimestral. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/cXRvMhCswX4jQNYp5grBShn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2022.